

# A psicanálise e o conceito de esclarecimento em Adorno e Horkheimer

Psychoanalysis and the concept of enlightenment in Adorno and Horkheimer

Tiago Hercílio Baltazar\*

---

**RESUMO:** Nesse ensaio promove-se um diálogo entre duas narrativas da trajetória da civilização ocidental. De um lado a tese freudiana elaborada em *Totem e Tabu* sobre a passagem da horda patriarcal para uma ordem social organizada. De outro a tese de uma lógica subjacente ao mito e ao esclarecimento presente em *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer. Sem grande prejuízo de suas peculiaridades tentei mostrar, com base numa aproximação entre as noções de repressão e esquecimento da natureza, como a psicanálise permanece uma referência na leitura dos frankfurtianos. Devo ainda acrescentar minha convicção de que as ideias apresentadas a seguir guardam maior valor pelas questões que colocam do que pelas conclusões que permitem estabelecer.

**PALAVRAS-CHAVE:** Civilização. Psicanálise. Esclarecimento. Repressão.

**ABSTRACT:** In the following essay we promote a dialogue between two narratives of the western civilization trajectory. On the one hand the Freudian hypotheses presented in *Totem and Taboo* about the passage from the patriarchal horde to an organized social order. On the other hand the hypotheses of an underlying logic to the myths and to the enlightenment present in *Dialectics of Enlightenment* by Adorno and Horkheimer. Without much loss of their peculiarities we tried to show, based on an approach between the notions of repression and nature oblivion, how psychoanalysis remains a reference to the thought of those Frankfurtians. I shall add my conviction that the ideas presented here are more valuable for the questions they pose than for the conclusions they allow us to reach.

**KEYWORDS:** Civilization. Psychoanalysis. Enlightenment. Repression.

---

\* Psicólogo e mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. Bolsista REUNI. Membro do grupo Fenomenologia, Ontologia e Hermenêutica da UFPR. Contato: tiago.baltazar@ig.com.br

## I

O horror ao incesto foi objeto da curiosidade de Freud desde o início de seus escritos. Destacaremos, por motivos que pretendemos tornar claros a seguir, sua contribuição para uma antropologia social feita no ensaio *Totem e Tabu*. O movimento dos quatro ensaios reunidos em 1913 sob esse título pode ser reconstituído, não sem prejuízo de alguns aspectos, como segue:

- 1) Nos selvagens as “evitações” são um costume, eles sentem os desejos incestuosos como perigos imediatos. Nos civilizados, tal como nos ensina a psicanálise das neuroses, cada indivíduo recria essas medidas numa dinâmica em que seus desejos incestuosos são dominados pela repressão.
- 2) O fato de haver entre os primitivos um costume, e de que seus desejos são sentidos como perigos iminentes (mais acentuados do que nos civilizados), indica, segundo Freud, a diferença na dinâmica: nos selvagens ainda não ocorreu o fenômeno da repressão, pelo menos tal como ela existe na civilização moderna. A ausência de uma repressão eficaz exige que seja sustentado um costume coletivo como modo de protegê-los daqueles desejos.
- 3) Assim o totemismo e suas cerimônias tabu constituem uma espécie de instituição coletiva que visa regular os desejos sexuais dos selvagens. Essa ordem carece, contudo, de uma repressão mais eficaz como aquela que se atingiu na civilização e que serve também de base para a religião e a moralidade. Dada a ausência de uma repressão no nível individual, o totemismo funciona no nível coletivo provendo a base para uma organização social ainda muito primitiva.

A plausibilidade dessas teses depende da comparação entre o tabu e os resultados obtidos com a clínica de neuróticos – mais exatamente, entre tabu e proibições obsessivas. Essa comparação permitiu apontar na origem do tabu uma renúncia a um desejo: o temor do tabu revela a existência de um desejo de violá-lo, e seu poder de contágio revela sua capacidade de provocar essa tentação da qual todos os indivíduos da tribo são suscetíveis. Sob a multiplicidade das manifestações do tabu algo permanece o mesmo: o que é proibido pelo tabu<sup>1</sup> possui a qualidade de provocar os homens a transgredi-lo. O aprofundamento daquela comparação, segundo suas mais diversas observâncias (tratamento do inimigo, tabu relativo aos governantes, tabu da morte), mostrou na “atitude de

<sup>1</sup> Esse “imperativo categórico” expresso de maneira negativa, sugere Freud no prefácio à primeira edição.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 200-212
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

ambivalência” o caminho mais certo para confirmar a suspeita de que o tabu é o fenômeno sociológico paralelo da doença neurótica<sup>2</sup>. Todo o “poder mágico” do tabu (simpatia, poder de infectar, de operar a distância) reside nessa capacidade de excitar um desejo inconsciente, e a prova real dessa tese é que “se a violação de um tabu pode ser corrigida por reparação ou expiação, que envolvem a renúncia a algum bem ou alguma liberdade, isso prova que a obediência à injunção do tabu significava em si mesma a renúncia a algo desejável”<sup>3</sup>.

Por aí Freud alcançava uma vantagem na explicação dos tabus: no caso do tabu em relação à morte, por exemplo, as explicações de alguns autores para a hostilidade dos mortos (espíritos demoníacos) e o conseqüente medo por parte dos vivos não permitia compreender “o que foi que induziu os homens primitivos a atribuir tal mudança de sentimentos àqueles que lhes haviam sido caros? Por que os transformaram em demônios?”<sup>4</sup>. Os primeiros espíritos foram malignos: produto da projeção de afetos hostis no mundo externo. Isso torna-se mais claro se se compreende que a projeção não é apenas um mecanismo de defesa mas também parte de um processo de construção de uma visão do mundo externo, pela qual o indivíduo tenta dominá-lo. Dentre os “pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos”<sup>5</sup> um deles tem especial interesse para nós, e diz respeito à construção da *Weltanschauung*. Não é fortuito que Freud tenha dedicado o terceiro ensaio inteiro a essa instrutiva aproximação.

O animismo é a doutrina de almas ou de seres espirituais em geral<sup>6</sup>. Os selvagens povoavam o mundo com seus espíritos, bons e maus, e os consideravam causa de fenômenos de todo tipo. Mas ele não é apenas uma explicação para fenômenos naturais, é um sistema de pensamento, uma visão de mundo que “permite apreender o universo como uma totalidade isolada de um ponto de vista único”<sup>7</sup>. Tal representação do universo, na sua unidade entre espíritos e técnicas para influenciá-los (magia e feitiçaria), não deixa oculta sua necessidade prática: o animismo, como uma explicação total do mundo, tem origem numa tentativa de domínio da natureza<sup>8</sup>. Fazendo uma dança, uma efígie, um

<sup>2</sup> Cf. *Totem e Tabu*, parte II: “Tabu e ambivalência emocional”; p. 37 e segs.

<sup>3</sup> FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard das Obras Completas de Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996/1913, p. 51.

<sup>4</sup> FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard das Obras Completas de Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996/1913, p. 73.

<sup>5</sup> Esse foi o título provisório de cada um dos ensaios até serem reunidos num livro intitulado *Totem e Tabu* em 1913: “Alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos”.

<sup>6</sup> Cf. FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard das Obras Completas de Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996/1913, p. 87.

<sup>7</sup> FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard das Obras Completas de Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996/1913, p. 89.

<sup>8</sup> Cf. FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard das Obras Completas de Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996/1913, p. 89.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 200-212
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

sacrifício, o princípio da magia consiste em submeter os fenômenos naturais à vontade do homem, proteger o indivíduo, o clã ou conceder-lhe poderes. “Em sua forma mais sucinta, esse princípio consiste em tomar equivocadamente uma conexão ideal por uma real”<sup>9</sup> – ideal denota aqui o que se opõe à realidade, e também o que é da ordem do desejo.

É preciso destacar o que Freud pretende quando aborda essa tentativa de domínio da natureza por parte dos selvagens: quando a chuva esperada cai (realidade externa) os selvagens encontram ocasião de reconhecer essa realidade como ligada às suas ações e intenções (realidade interna). Resulta dessa “coincidência” uma sensação de ordem psicológica sobre a qual repousa sua onipotência. Magia e feitiçaria são as técnicas pelas quais buscam fazer coincidir uma intenção de domínio da natureza – que, embora seja uma necessidade prática, é *ideal* – com o fenômeno natural *real*. Assim tomam equivocadamente uma conexão ideal por uma real na medida em que a maneira pela qual buscam realizar essa coincidência (princípio de semelhança, afinidade e contiguidade) é efetivamente um processo de associação, e, portanto, “parece que a verdadeira explicação de toda a insensatez dessas observâncias mágicas é a dominância da associação de ideias”<sup>10</sup>. Mas essa descoberta não é freudiana – ele a menciona apenas para apontar sua deficiência:

a teoria associativa da magia explica simplesmente os caminhos pelos quais a magia avança; não explica sua verdadeira essência, a saber, o equívoco que a leva a substituir as leis da natureza por leis psicológicas. Algum fator dinâmico está faltando, evidentemente<sup>11</sup>.

Esse fator dinâmico, dirá Freud, é o Desejo. Os homens primitivos (e as crianças civilizadas) superestimam o poder de sua vontade de alterar a realidade. Esse estado psíquico caracteriza-se por uma supervalorização dos processos mentais como um todo. Dito de outro modo: como um resquício de um estágio primitivo de desenvolvimento em que ainda não havia separação entre pensamento e realidade, quando ocorrer essa separação, a tendência ainda será por um período a supervalorização do pensamento em detrimento da realidade. *Grosso modo* é o que Freud chamará “onipotência de pensamentos”. É essa crença no poder do desejo de transformar o curso da natureza, como tradução de uma supervalorização dos pensamentos, que sobrevive especialmente nas neuroses obsessivas (nas crianças civilizadas como estágio do desenvolvimento e nos adultos civilizados de maneira patológica)

<sup>9</sup> FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard das Obras Completas de Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996/1913, p. 90.

<sup>10</sup> FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard das Obras Completas de Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996/1913, p. 94.

<sup>11</sup> FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard das Obras Completas de Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996/1913, p. 94.

e que, portanto, estabelecida a relação tabu-neurose, permite à psicanálise lançar alguma luz sobre o comportamento do homem selvagem.

Assim, vê-se que a onipotência de pensamentos, a supervalorização dos processos mentais em comparação com a realidade, desempenha um papel irrestrito na vida emocional dos pacientes neuróticos e em tudo que dela se deriva. Se um deles submeter-se ao tratamento psicanalítico, que torna consciente o que nele era inconsciente, será incapaz de acreditar que os pensamentos são livres e constantemente terá medo de expressar desejos malignos, como se sua expressão conduzisse inevitavelmente à sua realização. Essa conduta, bem como as superstições que pratica na vida comum, revela a semelhança dele com os selvagens que acreditam poderem alterar o mundo externo pelo simples pensamento<sup>12</sup>.

Em Freud, a ontogênese repete a filogênese, isto é, há coincidência, na forma da repetição, entre o desenvolvimento da visão humana do universo e as fases do desenvolvimento libidinal do indivíduo. A ênfase de Freud no aspecto psicológico desse processo permitiu compreender como o pensamento do selvagem é ainda em grande medida sexualizado (fase animista em que atribui a onipotência a si mesmo). Mas não tardará o momento em que, narcisista, encontrará objetos externos para sua libido (fase religiosa em que atribui a onipotência aos deuses). Finalmente reconhecerá o limite para sua onipotência e, renunciando ao princípio do prazer, submeter-se-á resignadamente à morte e às necessidades da natureza (fase científica e desmistificada).

Na origem, para Freud, está aquela necessidade prática de controlar o mundo que rodeia os humanos, mas a primeira imagem que o homem formou do mundo não foi científica, e sim psicológica, tendo como base um mecanismo de defesa ante a hostilidade de um desejo reprimido: a *projeção*, por meio da qual “enfrenta seus processos mentais internos fora de si próprio”<sup>13</sup>. Em suma: primitivos, crianças civilizadas (e de algum modo doentes neuróticos) constroem uma *Weltanschauung* caracterizada pela onipotência de pensamentos. É o “princípio da superestimativa da importância da realidade psíquica”<sup>14</sup> que preside a este esquema da realidade animista e permite a aproximação entre esses estados psíquicos.

<sup>12</sup> FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard das Obras Completas de Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996/1913, pp. 97-8.

<sup>13</sup> FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard das Obras Completas de Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996/1913, p. 102.

<sup>14</sup> FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard das Obras Completas de Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996/1913, p. 69.

## II

O totemismo é então, como dizíamos no início, um sistema de organização das tribos primitivas na qual os primórdios de uma ordem social estão vinculados a uma religião ou código moral rudimentar. As observâncias dos tabus entre esses povos selvagens revelam na sua origem uma renúncia: não matar ou comer o animal totêmico, nem ter relações sexuais com nenhuma mulher do mesmo totem (exogamia). A clássica suspeita freudiana de que onde há fumaça há fogo, isto é, onde existe proibição existe também um desejo em busca de satisfação, permite o seguinte passo: aquelas proibições tabu sugerem a existência de um desejo de violá-las (do contrário de que serve proibir o que ninguém deseja fazer?). Portanto, desejo de matar o pai e de tomar posse das mulheres que lhe pertenciam. Está feita a equação entre totemismo e o núcleo das psiconeuroses, o complexo paterno – mais exatamente, entre o animal totêmico e a figura do pai. Os próprios selvagens referem-se a ele como seu ancestral.

A partir daí Freud mobilizará dois pilares para sustentar a formulação de uma hipótese. Por um lado a “refeição totêmica”, que permitiu apontar a figura do pai morto, na sua força simbólica, como núcleo do totemismo e da religião (os selvagens, numa cerimônia festiva, abrem exceção e sacrificam o animal totêmico celebrando sua pertença ao ancestral. Na comunhão cristã uma sobrevivência distorcida dessa cerimônia aparece quando os cristãos comem e bebem o corpo e o sangue do deus filho). Por outro lado, a conjectura de Darwin segundo a qual os homens viviam, em tempos remotos, em pequenas hordas sob o domínio de um único macho poderoso, violento e ciumento. Em suma, a cerimônia de celebração de um poderoso ancestral em comum do clã e a ideia de uma provável horda patriarcal num passado remoto permitiram a Freud formular a seguinte hipótese:

O pai da horda primitiva, visto que era um déspota absoluto, apoderara-se para si mesmo de todas as mulheres; seus filhos, sendo-lhe perigosos como rivais, tinham sido mortos ou afugentados. Um dia, contudo, os filhos se reuniram e se aliaram para dominar, matar e devorar o pai, que fora seu inimigo mas também seu ideal. Após o feito foram incapazes de assumir sua herança, visto que se atrapalhavam mutuamente [isto é: que se tornavam obstáculos uns para os outros]. Sob a influência do fracasso e do remorso aprenderam a chegar a um acordo entre si; agruparam-se num clã de irmãos, mediante o auxílio dos ditames do totemismo, que visavam impedir a repetição de tal feito, e em conjunto passaram a abrir mão da posse das mulheres por cuja causa haviam matado o pai. Foram então impelidos a encontrar mulheres estranhas, sendo esta a origem da exogamia que se acha tão estreitamente vinculada ao totemismo. A refeição totem era festival que comemorava o temível feito que decorria do sentimento de culpa do homem (ou

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 200-212
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

‘pecado original’) e que foi começo, ao mesmo tempo, da organização social, da religião e de restrições éticas<sup>15</sup>.

No mesmo gesto em que pretendia negar a supremacia da natureza, projetando uma visão de mundo cuja característica forte é a onipotência de seus pensamentos sobre a realidade, o primitivo também se submetia à supremacia da morte uma vez que o mundo que criou tem na base uma ambivalência emocional que o faz alvo de espíritos maus (resultado da projeção de uma hostilidade inconsciente). Estes necessitam, por sua vez, ser combatidos pelas observâncias e cerimônias tabu. Qual o ganho dessa engenhosidade que parece apenas deslocar o terreno do conflito para a realidade externa?

A razão da comparação feita por Freud entre a visão de mundo do selvagem e da criança civilizada não pode ser um desprezo pelo “infantilismo” dos povos selvagens. O homem civilizado jamais se desliga completamente de sua própria infância. A distância entre infância e idade adulta foi a falácia que a psicanálise não se cansou de apontar. O interesse surge quando, naquilo que aparentemente é apenas superstição de povos pouco esclarecidos, a psicanálise pode mostrar que traz em sua base uma renúncia a impulsos hostis – na origem da sociedade parece ter sido necessário certo grau de repressão desses impulsos. Subestimamos, portanto, os progressos conquistados para nossa própria civilização quando vemos aí mera superstição.

### III

Do mesmo modo, para Adorno e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento*, aparece como problemática a interpretação segundo a qual a exclusão do mito promoveu um casamento feliz entre entendimento e natureza. Para essa racionalidade, o domínio da matéria deveria prescindir das “forças soberanas ou imanentes” sob o risco de ser considerado suspeito. O animismo e tudo aquilo que não se restringe à constatação de fatos e ao cálculo de probabilidades pelo espírito conhecedor deve ser considerado como sendo superstição: eis “o medo que o bom filho da civilização moderna tem de afastar-se dos fatos”<sup>16</sup>. Mas acontece que essa racionalidade passa a considerar superstição tudo aquilo que escolheu como positivo no passo anterior. Esse problema leva os autores a considerar a

<sup>15</sup> FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard das Obras Completas de Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996/1913, p. 70. *A observação entre colchetes é minha*.

<sup>16</sup> ADORNO, T.; HORKHEIMER, M., *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1985, p. 13.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 200-212
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

autodestruição do esclarecimento como uma aporia em que desencantar é um processo que aumenta exponencialmente o que está para ser desencantado. Esclarecer prossegue obscurecendo.

À primeira vista a fábula contada por Adorno e Horkheimer nos ensinaria uma lição sobre a ingenuidade dos proclamados homens de ciência. Mas na realidade sua lição é sobre a usura: o predomínio da racionalidade instrumental é a outra face da cobiça pelo domínio da natureza que, nos moldes de um casamento patriarcal, levou a um acúmulo de técnicas em que o homem está soterrado e impotente diante do “sistema”.

Ao tachar de complicação obscura e, de preferência, de alienígena o pensamento que se aplica negativamente aos fatos, bem como às formas de pensar dominantes, e ao colocar assim um tabu sobre ele, esse conceito mantém o espírito sob o domínio da mais profunda cegueira<sup>17</sup>.

Não houve exclusão do mito, e sim o casamento feliz entre entendimento e natureza é ele mesmo mito: *mito patriarcal solar do esclarecimento*<sup>18</sup> que designa o processo “no qual toda concepção teórica determinada acaba fatalmente por sucumbir a uma crítica arrasadora, à crítica de ser apenas uma crença, até que os próprios conceitos de espírito, de verdade, e até mesmo de esclarecimento tenham-se convertido em magia animista”<sup>19</sup>. A lição ensinada é a de que cada passo da ciência é sempre ainda um capítulo da narrativa mitológica, em que o animismo foi apenas o início. Essa ligação profunda entre mito e ciência não serve para revelar o ímpeto desbravador dos primitivos, mas sim a falácia emancipadora da razão instrumental. O avanço dos recursos técnicos, baseado na realização do homem e de sua felicidade, parece ter como sua consequência a própria desumanização<sup>20</sup>.

Magia e ciência visam ambas ao mesmo fim: dominar a natureza. Mas na magia essa tentativa de domínio dá-se pela mimese, semelhança, pelo parentesco. Vimos que Freud distinguia ainda os princípios de contiguidade e de afinidade. Mas o que ele não distinguiu, segundo Adorno e Horkheimer, foi que na circularidade do *cosmos* organizado pelo parentesco não há lugar para a cisão sujeito-objeto. Algo como uma tentativa de domínio da natureza por parte de um Ego onipotente só acontecerá posteriormente, quando os pensamentos conquistarem alguma autonomia perante os

<sup>17</sup> ADORNO, T.; HORKHEIMER, M., *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1985, p. 13.

<sup>18</sup> ADORNO, T.; HORKHEIMER, M., *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1985, p. 23.

<sup>19</sup> ADORNO, T.; HORKHEIMER, M., *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1985, p. 23.

<sup>20</sup> Cf. HORKHEIMER, M. *Eclipse da Razão*. Editorial Labor do Brasil, 1976, p. 6.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 200-212
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------



objetos<sup>21</sup>. Eis o problema de *Totem e Tabu* para os frankfurtianos: não pode haver supervalorização dos pensamentos em detrimento da realidade, pois isso é pressupor como dada uma separação entre pensamento e realidade que ainda não está consumada.

A natureza foi duplicada por um grito de horror, e os autores nos convidam a pensar essa questão não em termos de uma sobreposição entre as substâncias espiritual e material, mas sim em termos da multiplicidade diante do individual. “O grito de terror com que é vivido o insólito torna-se seu nome”<sup>22</sup>, e esse nome, diria Nietzsche<sup>23</sup>, é a pura violência de uma tentativa de identificar o não-idêntico. A palavra que é sempre metáfora e não corresponde ao real: eis a duplicação da natureza, que permitirá uma autonomia do pensamento perante o mundo, levando a cabo a separação sujeito-objeto que ela continha em germe – até o momento em que se desconfiará que o homem só conhece o que ele mesmo põe. Mas não se pode pressupor essa separação e depois subscrever ao antropomorfismo da realidade como o resultado de um mecanismo de projeção – bem entendido: não é exatamente a psicanálise que está sendo criticada, mas o psicologismo.

A natureza é duplicada como resultado de uma tentativa de dominá-la por parte do Ego que se vê sob o risco de uma dissolução diante da sua multiplicidade. Com isso ganhou certa autonomia perante a natureza, instrumentalizando-a até o predomínio de uma racionalidade formal que prescinde da coisa-em-si-mesma. Assim, quando o primitivo “fixa a transcendência do desconhecido em face do conhecido”, cria uma profundidade nos objetos pela qual se dá conta de quanto não os controla. Seu medo é a medida da distância do quanto aquilo lhe escapa, isto é, lhe é desconhecido – e não o resultado de impulsos hostis (dele mesmo) projetados na realidade externa<sup>24</sup>.

Nosso interesse é mostrar que, apesar da crítica em que os frankfurtianos apontam o prejuízo do psicologismo de Freud, a psicanálise permanece ainda a referência para suas teses de maior fôlego. É nesse ponto que nos deparamos com uma situação que exige a maior cautela: muito depende de formularmos a questão certa para alcançar alguma nova compreensão. Há relação entre a perspectiva em que adaptar-se à realidade é resignar-se, encontrar um limite para a satisfação do desejo e, por outro lado, a perspectiva em que esclarecer é instrumentalizar a natureza promovendo a obscuradora separação de meios e fins? Ou ainda: quais as relações possíveis entre a *sublimação* como o

<sup>21</sup> Cf. ADORNO, T.; HORKHEIMER, M., *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1985, pp. 22-3.

<sup>22</sup> ADORNO, T.; HORKHEIMER, M., *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1985, p. 25.

<sup>23</sup> Cf. NIETZSCHE, F. *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral*. Torres Filho, R. (Trad.) In: Marçal, J. (org.) *Antologia de Textos Filosóficos*. SEED, Paraná, 2009.

<sup>24</sup> “Não é a alma que é transposta para a natureza, como o psicologismo faz crer. O mana, o espírito que move, não é uma projeção, mas o eco da real supremacia da natureza nas almas fracas dos selvagens” (ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1985, p. 25).

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 200-212
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

mecanismo que busca substitutos cada vez mais indiretos para o desejo, e a *abstração* como o instrumento de uma racionalidade que faz crescer um aparelho técnico entre homem e natureza? A relação deve estar numa possível aproximação entre “repressão” e “esquecimento da natureza”.

#### IV

De partida, como vimos, não há Ego nem realidade externa para os frankfurtianos. O Ego é um fragmento da natureza que se autonomizou, se descolou, depois se esqueceu do que é. Ele então projeta na natureza esquemas que a tornam instrumental, ignorando a coisa-em-si-mesma, evitando o risco de sua dissolução diante da multiplicidade da natureza. Por sua vez a psicanálise pretende que a realidade externa seja ela mesma construída por uma dinâmica de investimento libidinal idêntica àquela que deu forma ao Ego e que, desse modo, a relação entre ambos corrobore uma determinada estrutura psíquica.

Se pudermos compreender o Ego como um fragmento que se autonomizou, segundo a teoria do narcisismo, seu esquecimento como repressão de parte de sua vida pulsional, e traçarmos um paralelo entre a coisa-em-si e o Inconsciente (no que eles tem de incognoscível), talvez encontraríamos um caminho para realizar a aproximação entre Consciência e Esclarecimento. Apenas, onde os frankfurtianos veem “empobrecimento do pensamento bem como da experiência”<sup>25</sup>, um processo vicioso em que predomina uma racionalidade formal que prescinde da realidade e torna-se desumana, Freud vê *adaptação* (abandono ou reajuste do princípio de prazer pelo princípio de realidade). Salvo essas diferenças, em ambos os casos a “moral” da trajetória de nossa civilização é que não há conquistas que não se fazem acompanhadas da angústia de uma perda. Essas perdas vão constituir-se no motor da civilização segundo a lógica de cada autor.

Na *lógica do esclarecimento* o medo da dissolução do ego o impulsiona compulsivamente para um domínio da natureza. Esse medo é aquele vigor, força motriz do esclarecimento desde o mito. A natureza é objetivada até o limite em que predominará uma racionalidade instrumental que, aumentando o círculo do que já não encontra mais justificação imediata em fatos – e que, portanto, passa a ser considerado superstição –, destrói a si mesma anulando as forças do indivíduo perante a burocracia, a economia capitalista, etc.

Na *lógica da repressão* os impulsos darão vida, sucessivamente, a diferentes visões de mundo (diferentes tentativas de dominação da natureza). Em suas vicissitudes, transitarão por escolhas

<sup>25</sup> ADORNO, T.; HORKHEIMER, M., *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1985, p. 41.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 200-212
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

objetais cada vez mais resignadas e encontrarão satisfação cada vez mais adaptada ao convívio social. Por detrás de toda essa conjuntura, na psicanálise, está a conhecida tensão entre indivíduo e sociedade, isto é, entre a natureza associal do impulso sexual na sua busca por satisfação egoísta e fuga neurótica da realidade, por um lado, e as instituições sociais que combinam elementos egoístas e eróticos, por outro<sup>26</sup>. Do tabu até a neurose individual o caminho passa por inumeráveis desenvolvimentos históricos, mas a lógica já está dada: entre mito e ciência, para Freud, as diferenças assentam-se sobre a lógica mais profunda da repressão e do esquecimento que está na origem da mais primitiva organização social formada e, portanto, de todo desenvolvimento posterior da civilização. A veneração dos deuses e heróis já constitui uma forma de celebrar a realização que deu início à civilização.

A formação de uma sociedade que instaurasse a igualdade entre os irmãos parricidas deixou aos homens da nova ordem social uma herança: da cumplicidade no crime que faz sua união brotar o sentimento de culpa e o remorso como base da religião e da moralidade. Quando dançam para fazer chover, os selvagens já deram um passo decisivo que os tirou da barbárie inicial, isto é, já estão inseridos naquela lógica que liga mito e civilização. O recuo da lógica do esclarecimento para os mitos já aparece aqui. Mas no que consiste esse progresso realizado pelos povos de visão mitológica? Em suma, nos diz Freud, consiste na passagem da horda patriarcal para uma organização social fraterna.

Assim, o fenômeno do totemismo, no seu aspecto social, religioso e moral, constituiu um passo fundamental para o desenvolvimento da civilização tal como a conhecemos hoje. Visto por esse ângulo, agora são as divergências dessas duas leituras que se tornam difíceis de serem apreendidas. Principalmente porque, para o leitor atento, elas convergem em pontos decisivos: os primitivos sentem pavor da natureza e se arrogam técnicas pouco racionais numa tentativa – erroneamente encarada como supersticiosa – de dominá-la. Quando, na civilização, o homem desenvolver uma relação mais racionalizada com a realidade, se encontrará resignadamente numa situação de impotência. Entre neuroses e aporias, que espécie de impasse avistamos?

Para Freud a repressão é uma espécie de termômetro que permite medir o grau de progresso alcançado por uma civilização<sup>27</sup>. E o que querem dizer os frankfurtianos quando escrevem que “toda tentativa de romper as imposições da natureza rompendo a natureza, resulta numa submissão ainda

<sup>26</sup> Para a oposição ente impulsos diretamente sexuais e estruturas sociais, Cf. FREUD, *Psicologia de Grupo*, 1921, Edição Standard das Obras Completas de Freud, vol. 18, especialmente cap. XII, parte D.

<sup>27</sup> “Se tomarmos a repressão dos instintos como medida do nível de civilização que foi alcançado, teremos de admitir que mesmo sob o sistema animista efetuaram-se progressos e desenvolvimentos que são injustamente desprezados por conta de sua base supersticiosa” (FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard das Obras Completas de Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996/1913, p. 107).

mais profunda às imposições da natureza<sup>28</sup>? Para Adorno e Horkheimer a natureza esquecida torna-se força de resignação daquela outra sua parte que pensa dominá-la. Mas sua tese de que o mito já era esclarecimento não é em absoluto original. Por isso os autores tinham ainda uma segunda tese, mais importante, e mais original: o esclarecimento reverte para o mito, é ele mesmo mito. No entanto, acerca do entrelaçamento entre racionalidade e realidade social, quem os ensinou que não há realidade que não seja sexualizada, isto é, que toda razão é a ponta de uma grande fantasia? A realidade que é alcançada (ou construída) na mitologia do esclarecimento é um *quantum* de resignação que a fantasia não poupa jamais. A consciência, a racionalidade adaptada à realidade, é esse produto não dialético (sem superação) da resignação e da fantasia, ou seja, a realidade é uma resignação fantasmagórica, coisa inventada. E essa fábula eles também ouviram daquele outro refugiado da barbárie.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1985.
- FREUD, S. [1913] *Totem e Tabu*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. [1921] *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. [1925] *Um Estudo Autobiográfico*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HORKHEIMER, M. *Eclipse da Razão*. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.
- NIETZSCHE, F. *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral*. Torres Filho, R. (Trad.) In: Marçal, J. (org.) *Antologia de Textos Filosóficos*. SEED, Paraná, 2009.

<sup>28</sup> ADORNO, T.; HORKHEIMER, M., *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1985, p. 24.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 200-212
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------